

GLOBALUNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS ESEFFEGO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MURILLO RODRIGUES DA CUNHA R. DE MIRANDA

**O ENSINO DO FUTEBOL PELA DIMENSÃO TÁTICA NO ÂMBITO DA ESCOLA E
EM OUTROS SEGMENTOS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA: UMA REFLEXÃO SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA DE JOGO**

GOIÂNIA

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS ESEFFEGO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MURILLO RODRIGUES DA CUNHA R DE MIRANDA

**O ENSINO DO FUTEBOL PELA DIMENSÃO TÁTICA NO ÂMBITO DA ESCOLA E
EM OUTROS SEGMENTOS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA: UMA REFLEXÃO SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA DE JOGO**

Trabalho final de curso apresentado na forma de monografia, como exigência para obtenção do certificado de professor licenciado em Educação Física pela ESEFFEGO/UEG. Sob orientação do professor Dr. Luiz Delmar da Costa Lima

GOIÂNIA

2021

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. DESENVOLVIMENTO	109
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	100
2.1.1 um breve histórico sobre o futebol e sua evolução	10
2.1.2 Entrada no Brasil, consequências... ..	111
2.1.3 O ensino e o treino do futebol em diferentes segmentos, na iniciação esportiva e na escola.....	12
2	
2.1.3.1 Categoria de Basel	155
2.1.3.2 O ensino do futebol no âmbito escolar	177
2.1.4 O ensino do futebol pela perspectiva da dimensão tática	21
3 METODOLOGIA	265
3.1 Característica da investigação.....	28
3.2 Plano de coleta de dados.....	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	276
CONCLUSÃO E RECOMENDADAÇÕES.....	31
REFERÊNCIAS	333

RESUMO

Nas últimas décadas estudos sobre os diversos componentes do futebol tem focado atenção para a dimensão tática, priorizando, a par disso, os modelos de ensino que contribuam para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos do jogo. A presente monografia tem por objetivo verificar se os efeitos do ensino do futebol pela dimensão tática no âmbito da escola e em outros segmentos de iniciação esportiva colaboram para o desenvolvimento da inteligência de jogo de jovens escolares e iniciantes. O estudo constituído de uma investigação bibliográfica, utilizou ideias de diferentes autores para caracterizar os principais conceitos relativos ao problema proposto. A pesquisa assumiu um carácter exploratório analítico a fim de proporcionar melhor visão do problema e apresentar pontos de vista de diferentes autores sobre o tema abordado. Após a determinação do objeto do estudo, coletou-se os artigos relacionados, de modo sistematizado. Diagnosticou-se, a partir de 1970 até os dias atuais, 53 textos que versavam sobre futebol, ensino no modelo analítico, ensino pela dimensão cognitiva, histórico do futebol e normalização para trabalhos de conclusão. Sendo 33 em revistas científicas, 5 em monografia de graduação, 1 de mestrado, 4 em anais de congressos em educação física e 10 em livros. As evidências encontradas, com relação ao ensino pela dimensão cognitiva/tática no âmbito da escola ou em outros segmentos, mostraram efeitos positivos no desenvolvimento da inteligência de jogo/tática, especificamente na tomada de decisão frente a uma situação próxima ou dentro da realidade do jogo, possibilitando ao aprendiz escolher qual a ação a ser realizada naquele momento. Mostraram, também que o ensino pela dimensão técnica (modelo analítico) produz efeitos no aspecto do desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica através de processos de ensino/treino repetitivos.

PALAVRAS CHAVES: futebol, modelo de ensino, dimensão cognitiva/tática

ABSTRACT

In recent decades, studies on the various components of football have focused attention on the tactical dimension, prioritizing, in parallel, teaching models that contribute to the development of the cognitive aspects of the game. This monograph aims to verify whether the effects of teaching soccer through the tactical dimension within the school and in other segments of sports initiation contribute to the development of game intelligence of young students and beginners. The study, consisting of a bibliographical investigation, used ideas from different authors to characterize the main concepts related to the proposed problem. The research took on an exploratory-analytic character in order to provide a better view of the problem and present the points of view of different authors on the topic addressed. After determining the object of the study, the related articles were collected in a systematic way. From 1970 to the present day, 53 texts were diagnosed that dealt with football, teaching using the analytical model, teaching through the cognitive dimension, football history and standardization for final works. 33 in scientific journals, 5 in undergraduate monographs, 1 in masters, 4 in conference proceedings in physical education and 10 in books. The evidence found, with respect to teaching through the cognitive/tactical dimension within the school or in other segments, showed positive effects on the development of game/tactic intelligence, specifically in decision-making when faced with a situation close to or within the reality of the game. , enabling the learner to choose which action to take at that moment. They also showed that teaching through the technical dimension (analytical model) produces effects in the aspect of development and improvement of technique through repetitive teaching/training processes.

KEY WORDS: football, teaching model, cognitive/tactical dimension

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1: Definição de tática por diferentes autores.....	9
Quadro 2: Comparativo entre os modelos de ensino pela dimensão técnica e cognitiva.....	24

FIGURAS

Figura 1: Exercício com bola no modelo analítico: condições de prática em bloco.....	24
Figura 2: Exercício com bola no modelo da dimensão cognitiva: condições de prática randômica	25

1. INTRODUÇÃO

A história sobre a evolução dos diferentes componentes do futebol tem retratado, desde seu início, uma tendência, nos mais diversos segmentos que envolve essa modalidade, para o ensino e treino através de metodologias que preconizam o gesto mecânico do fundamento (GARGANTA; MAIA; MARQUES, 1996). Esse procedimento se apoia em exercícios repetitivos, base na apresentação das ações técnicas de forma fragmentada, mostrando ao aprendiz um elemento chave de cada vez, o que pelo número de ações praticadas em sequência gera a estabilização do fundamento (GRECO; BENDA, 1998).

Portanto, o domínio da investigação e da produção bibliográfica, no quesito *performance* do jogo, continua se baseando nos fatores energéticos e biomecânicos e das características fisiológicas dos jogadores. Sinalizando, neste caso, um comportamento em que o organismo esteja adequado as exigências energéticas e funcionais do jogo, descartando, em termos de unidade entre estímulo e resposta, o componente cognitivo. Este último está vinculado a leitura do jogo e análise da situação e tem sua importância devido à elevada imprevisibilidade, aleatoriedade e variabilidade que compõem o contexto ambiental do futebol (ALLARD; BURNETT, 1985; GARGANTA, 2006; GRECO, 2006).

O reflexo dessa tendência tem convergido para o uso desta metodologia em segmentos de iniciação esportiva, bem como na escola. Esta última, quando se trata do futebol como conteúdo de educação física. O ensino baseado nesse modelo mantém o aprendiz muito distante da realidade do jogo, impossibilitando, destarte, a escolha, frente a uma determinada situação de oposição, da ação a ser realizada naquele breve instante por desconhecer este universo (SCAGLIA, 1999).

No final da década de 1980, surge em Portugal os primeiros estudos sobre o treinamento e ensino pela dimensão tática, contrapondo o ensino pela mecânica do gesto. O treino e ensino pela dimensão tática, sugere que as atividades a serem aplicadas estejam enquadradas próximas ou dentro da realidade do jogo, contrariando o modelo fragmentado presente nos campos até então. No entanto, a literatura científica, tem demonstrado que dados oriundos de investigações sobre ensino e treino pela dimensão tática ainda não são conclusivos, resultando, a par disso, resistência dos professores e treinadores de futebol na aplicação deste conhecimento. Ficando evidente, portanto, que o ensino baseado no modelo tradicional ainda é o mais utilizado nas escolas, bem como, em outros segmentos (MARQUES JUNIOR, 2011).

Desde sua origem, o ensino e o treino do futebol têm se baseado na fragmentação dos fundamentos, para posterior aplicação no jogo. Como consequência, esse modelo perdura até os dias atuais, motivado pela sua influência sobre os treinadores, pois acreditam ser uma forma menos complexa de ser aplicada. A literatura, inclusive, identifica este modelo como tecnicista ou como modelo mecanizado (CASARIN *et al.*, 2011).

Na contramão deste modelo, a periodização tática de Victor Frade, preconiza o desenvolvimento da inteligência do jogador frente a diferentes situações reais de jogo e amplia as variáveis física, técnica e psicológicas em conjunto e proporciona uma regulagem no processo de treinamento (GREBOGGY; SILVA, 2018). Nesta mesma esteira, Clemente; Mendes (2011), afirmam que o modelo *Teaching Games for Understanding* (TGfU), foca sua atenção para aprender o futebol jogando, com o objetivo de contribuir com a evolução do indivíduo na tomada de consciência tática e nas situações decisórias.

Frente ao exposto, o presente estudo tem por objetivo verificar se os efeitos do ensino do futebol pela dimensão tática no âmbito da escola e outros segmentos de iniciação esportiva resultam no desenvolvimento da inteligência de jogo de jovens em idade escolar e iniciantes. Para tanto, se levantou o seguinte problema de pesquisa:

O ensino pela dimensão tática no âmbito da escola ou em outros segmentos resulta no desenvolvimento da inteligência de jogo de jovens em idade escolar e iniciantes?

1.1. Objetivos específicos

- Verificar as vantagens e desvantagens do ensino do futebol pelo modelo analítico;
- Verificar as vantagens e desvantagens do ensino do futebol pelo modelo da dimensão tática;
- Verificar se os efeitos do modelo de ensino do futebol pelo modelo analítico resultam no desenvolvimento da inteligência de jogo;
- Verificar se os efeitos do ensino do futebol pela dimensão tática resultam no desenvolvimento da inteligência de jogo;
- Identificar se o ensino do futebol na escola prioriza o desenvolvimento da inteligência tática e de jogo;
- Identificar se o ensino e o treino do futebol nas escolinhas de iniciação priorizam o desenvolvimento da inteligência tática e de jogo.

1.2 Definição de termos

A **inteligência de jogo** refere-se ao nível de conhecimento que o praticante tem da sua modalidade esportiva;

A **tomada de decisão** é o processo de selecionar uma resposta em um ambiente de múltiplas respostas possíveis (SANFEY, 2016) e consiste em determinar as possibilidades de sucesso ao se analisar certos resultados entre diferentes possibilidades (GRECO, 2006).

Dimensão tática nos Esportes Coletivos é permeada por inúmeros fatores que fazem parte do contexto do jogo: espaço, tempo, posicionamento dos companheiros e dos adversários, nível de habilidade para poder executar a tarefa que é necessária para atingir o objetivo e regras do jogo (GRECO, 2006).

Quadro 1 - Definição de tática por diferentes autores

Parlebas, 1981	Definição aplicação concreta dos meios de ação
Konzag, 1983	Normas e comportamentos que servem para a utilização ótima em competição dos pressupostos condicionais, motores e psíquicos, tendo em conta o modo de jogar do adversário e outras condições (instalações, regras,...)
Gréhaigne, 1992	Método de ação próprio do sujeito em situação de jogo através do qual este utiliza ao máximo os constrangimentos, a incerteza e a imprevisibilidade do jogo

Fonte: adaptado de (GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José, 1996)

Dimensão técnica

Silva (1998), afirma que esse modo de ensinar o jogo, centrada principalmente na técnica individual, é uma consequência da transposição direta de meios e métodos do treinamento das modalidades individuais para as coletivas, sem levar em consideração a especificidade estrutural e funcional desse último grupo de modalidades. O vocábulo técnico, comumente utilizado em distintas atividades humanas, é entendido, de uma forma genérica, como o conjunto de processos bem definidos e transmissíveis que se destinam à produção de certos resultados. Nos JDC, as técnicas não se restringem a movimentos específicos. Constituem ações motoras, formas de expressão do comportamento, realizadas no sentido de solucionar os problemas que as várias situações de jogo colocam ao praticante. Trata-se de uma motricidade especializada e específica de uma modalidade desportiva que permite resolver de uma forma eficiente as tarefas do jogo.

Dimensão Física

Para que o jogador seja capaz de otimizar a sua prática, necessita de uma dimensão física bem desenvolvida. Esta dimensão física aparece como sendo a capacidade aeróbia e anaeróbica do jogador. No entanto, na literatura, as capacidades físicas requeridas para a prática desportiva não entram em consenso, uma vez que as exigências das modalidades são distintas (JANELLE; HILLMAN, 2003).

Dimensão Psicológica

Janelle; Hillman (2003) salientam que para um jogador atingir um nível considerado de excelência deverá desenvolver e otimizar as suas competências psicológicas. Para estes autores, torna-se absolutamente imprescindível trabalhar a capacidade motivacional, as estratégias de definição de objetivos, a sua confiança e a capacidade de manter uma atitude positiva, a visualização mental, assim como desenvolver os seus skills de relacionamento interpessoal. Segundo os mesmos autores, a interação e a repercussão das competências psicológicas nas outras dimensões, são evidentes na sua capacidade facilitadora ou inibidora de ações desportivas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1.1 um breve histórico sobre o futebol e sua evolução

O futebol é hoje um dos esportes de maior repercussão mundial (UNZELTE, 2002) e uma das preocupações que tem a atenção do mundo da bola é a identificação de metodologias de ensino e treino que preconizem o desenvolvimento da inteligência do aprendiz, principalmente em situações de jogo, tendo que decidir, dentre várias adquiridas, qual seria, para aquele momento, a ação mais indicada a ser realizada.

O parágrafo introdutório mostra que estamos diante de um processo evolutivo envolvendo os componentes da modalidade, que pela repercussão se altera de forma constante e sistemática, sempre pela busca da excelência. Sua origem possui várias teorias sobre onde foi praticado por primeira vez e de onde poderia haver surgido. No mundo, existem diversos relatos de até 25 séculos A.C, exemplo da China, que se praticava um jogo denominado TSU CHU,

onde tinha uma bola feita de penas e cabelo, devia ser chutada e tinha que ser colocada entre duas hastes de bambu. Na Itália, hoje se conhece seu futebol como o CALCIO, isso se deve a um esporte praticado na época medieval, que duas equipes divididas similarmente ao futebol, deviam conduzir a bola com os pés até o outro lado do campo e é praticada até hoje na cidade de Florença (LIMA, 2002).

Seu surgimento oficial se deu na Inglaterra, com a criação da Associação de Futebol (Football Association) em 26/10/1863, na Freemason's taberna da Great Queen's Street, centro de Londres, tendo de início 13 regras oficiais que regulamentava o esporte (OLIVEIRA, 2012). Regras essas, que derivaram da “teimosia” de alguns rapazes, pertencentes a prática do Rugby, esporte tradicional inglês, que ao longo das práticas do esporte foram percebendo uma possível variação da modalidade, onde a bola poderia ser mais chutada do que conduzida com as mãos (FRANCO, 2021).

Vale ressaltar que na Inglaterra, os jogos eram uma coisa e esportes outra. Os esportes eram as práticas mais solenes e de certo modo refinadas como esgrima, caça e tiro ao alvo com arco e flecha, praticados pela alta aristocracia. Os jogos eram as práticas mais ríspidas, de maior contato físico e praticados pela plebe, evitado pelas classes mais altas, pois devido à violência com que eram praticados, principalmente antes de se estabelecerem as regras, eram considerados atos de barbárie e selvageria (LIMA, 2002).

Em reviravolta, no início do século XIX, tanto jogos quanto esportes começaram a ser praticados pela burguesia, tanto o RUGBY quanto o futebol conquistaram seu espaço na alta classe social inglesa. Gerando assim, ampla dispersão do esporte fazendo com que surgisse grande quantidade de times e campeonatos, praticado por todos e de grande manifesto por parte dos ingleses. Essa disseminação no país geraria grande expansão exterior também, popularizando-o nos países vizinhos. A Escócia em 1873, o País de Gales em 1875 e a Irlanda em 1880, por serem países próximos, tiveram rapidamente contato com o esporte e foram os primeiros países após a Inglaterra a criarem suas associações (PEREIRA, 2005).

2.1.2 Entrada no Brasil, consequências...

As primeiras práticas deste esporte no Brasil são controversas. Devido à grande imigração recebida em toda sua história, principalmente de europeus ingleses, existem relatos desta prática esportiva de maneira não formalizada em diversas partes do país, mesmo antes do seu primeiro registro documentado (MÁXIMO, 1999). Relatos da época afirmam, contrapondo

a entrada do futebol em 1895, que em Recife por volta de 1870, os holandeses praticavam em locais abertos as chamadas “peladas”, com regras variadas, e que servia como cone de atração para uma quantidade significativa de praticantes (MORAES *et al.*, 2016). A mesma prática, através de confrontos entre funcionários de uma firma de gás contra uma de navegação em 1890, ocorria na praia da Gloria no Rio de Janeiro (MÁXIMO, 1999).

No entanto, Unzelte (2002), relata que o futebol não tardou muito em chegar ao Brasil. Segundo o autor, documentos oficiais registram que em abril do ano de 1895, na cidade de São Paulo, ocorreram os primeiros encontros. Charles Miller, brasileiro com residência na Inglaterra, conheceu na cidade de Southampton, o futebol. No seu retorno para o Brasil, no término dos seus estudos, trouxe consigo duas bolas de couro costuradas a mão, da marca *shoot*, com o objetivo de ensinar o esporte aos brasileiros. Os funcionários da Companhia de Gás e Estrada de Ferro de São Paulo Railway, foram apresentados ao jogo que seria um dos mais aclamados no Brasil no próximo século.

Naquele momento da história brasileira, Oliveira (2012), orienta que a prática de esportes era privilégio dos mais ricos. Devido a existir neste período disseminação de doenças, pobreza e uma sociedade maiormente precarizada, as classes mais altas procuravam ter contato somente com ela mesma. Complementa, afirmando por um lado, que o divulgador do futebol, Charles Miller, frequentava escolas e tinha amigos da alta aristocracia da época.

As escolas tinham espaços específicos para a prática de esportes em geral e neste ambiente da escola e entre uma certa parcela da sociedade foi que o futebol encontrou seus primeiros adeptos. Por outro lado, mesmo com esse breve início elitizado do futebol no Brasil, o país acabava de se tornar livre com a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 (DOMINGUES, 2011), corroborando, por este motivo, para a mescla da sociedade, acarretando um fato inevitável, o futebol, em pouco tempo, passou a ser um esporte praticado por todos.

2.1.3 O ensino e o treino do futebol em diferentes segmentos, na iniciação esportiva e na escola

O percurso reflexivo deste tópico vai registrar, no primeiro momento, apontamentos demonstrando que na iniciação esportiva, as escolinhas de futebol, provocam contribuições significativas no campo ético, político e social, de modo a priorizar o desenvolvimento integral dos jovens iniciantes respeitando suas experiências, saberes e valores dentro dessa complexa tarefa (ASSIS *et al.*, 2015).

A via pedagógica tem como proposta fundamental, a adaptação de programas às necessidades dos alunos, caracterizando com isso, uma estratégia para se atingir o seu desenvolvimento integral. No entanto, ainda se observa nestes locais de ensino e treino do futebol, intenções por parte dos profissionais que estão na vanguarda destes programas, que sinalizam procedimentos que dão suporte a objetivos centrados na especificidade do esporte, como o desenvolvimento das habilidades técnicas e acolher aos interesses de dirigentes esportivos que fazem da competição o seu alicerce social, inclusive prometendo aos integrantes das escolinhas, se tornarem em um curto espaço de tempo, atletas de alto nível (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000). Contrariando este raciocínio, esses profissionais negligenciam o ensino centrado na aprendizagem absoluta do aluno.

Moraes et al., (2016), escrevem que a história que retrata o surgimento das escolinhas de futebol, mostra através de documentos dois fatores responsáveis por essa demanda. O primeiro está atrelado ao recebimento de muitos imigrantes e migrantes nas cidades brasileiras, exigindo uma ampliação dos centros urbanos resultando em construções de avenidas e prédios. Isso acabou por diminuir espaços para a prática espontânea do futebol na periferia. Locais como a periferia, eram conhecidos como campos de várzea e, até em então, considerados como o berço de formação de atletas. São geralmente concorridos nos bairros mais pobres, de menor tamanho, organizados por associações desvinculadas aos campeonatos oficiais. Não exigem demasiada estrutura como materiais esportivos de boa qualidade bons campos entre demais aspectos estruturais.

Antecedendo a iniciação esportiva, no âmbito de clubes, existia o jogo na várzea, que tinha na sua forma de jogar similaridade com o desenvolvimento das habilidades específicas do futebol, denominadas, inclusive como *peladas*. Atendia uma demanda de pessoas interessadas em praticar o futebol sem vínculo com as federações, apenas por lazer ou em competições das cidades e bairros. Seus participantes podiam praticar o esporte de maneira mais descompromissada, sem a necessidade de exigências baseadas em um saber tático e libertos de complicadas metodologias e responsabilidades, dando maior liberdade aos participantes. A oportunidade é proporcionada a jovens, adultos e idosos que já ultrapassaram a idade de atuar como profissionais, ou não jogam profissionalmente por diversos motivos (SANCHES; RUBIO, 2011).

A evolução em si do futebol é considerada o segundo fator e, o indicador de conduta foi a exigência de jogadores que chegassem ao profissional com uma formação já direcionada ao

que os clubes tinham como referência (MORAES *et al.*, 2016). Esses autores, complementam, afirmando que assim como um dentista, engenheiro ou médico, que na sua formação, passavam pelo rigor de um processo contínuo e sistemático, para atingir performance, era importante, também, se ter algo similar para a formação de futuros jogadores de futebol. Os clubes então, criaram na década de 1970, seus departamentos de formação de jogadores, tendo como ponto de referência na iniciação esportiva as escolas de aplicação de futebol.

Esse modelo de iniciação esportiva, na medida em os treinadores e professores passaram a dar atenção a esse tipo de programa, ganhou diferentes formas de aplicação. Foram surgindo as escolas de iniciação esportiva clubista ou fora do clube; escolinha seletiva, especialmente para a categoria de base e as escolinhas não seletivas. As escolinhas de futebol, por exemplo, se estabeleceram no interior dos clubes, com o claro propósito de formar atletas, visando repor setores importantes nas equipes subsequentes e, também, como uma possível estratégia comercial. Se estabeleceram, também, em locais particulares, campos próprios ou arrendados, gerenciadas por ex-jogadores, como uma forma de auferir recursos para sua própria subsistência e com o intuito de formação de atletas (MORAES *et al.*, 2016).

Nesta esteira, é possível perceber que tanto os clubes quanto os dirigentes particulares, programam suas atividades baseados, exclusivamente nas dimensões técnica e física, negligenciando a dimensão tática, onde o desenvolvimento da inteligência em analisar a situação de jogo, com o intuito, em milésimos de segundo, escolher adequadamente a ação a ser realizada para aquele determinado momento. A dimensão técnica quando aplicada de forma isolada, proporciona ao aprendiz, dar uma resposta motora frente a um estímulo externo, porém sem associá-la a uma situação real de jogo. No cabeceio, por exemplo, o aprendiz tem que ler a trajetória de voo da bola e, a partir desta leitura ajustar timing para o salto, caso contrário, a bola passa mais alta ou fora do plano em que ele se encontra. Mesmo que esteja muito bem condicionado, base na dimensão física, a potência de salto fica ineficaz, se não houver ajuste entre o sistema nervoso central (centro de controle) e a musculatura esquelética (CLEMENTE; MENDES, 2011).

Na dimensão física, segundo esses mesmos autores, a atenção fica por conta de longos aquecimentos, longas corridas em volta do campo e a prática de alongamentos, que na maioria das vezes são aplicados sem critério; finalizando com exercícios no formato de rotinas visando saltos, velocidade, força e resistência. O tempo gasto para essas atividades praticamente diminuem a possibilidade de o aluno iniciante vivenciar na prática, por um tempo maior,

situações próximas ou dentro da realidade do jogo, negligenciando, nestes casos a compreensão do jogo e o desenvolvimento da inteligência tática.

A metodologia usada nas escolinhas de iniciação esportiva busca o ensinamento e aprimoramento de diversos aspectos ligados ao futebol, mas ainda não se vê claramente um conhecimento norteador apontando qual caminho seguir, dando suporte ao ensino das diferentes dimensões que envolvem a sua aprendizagem (MORAES *et al.*, 2016).

Nesta mesma direção, é possível salientar que, além do que foi tratado nos parágrafos anteriores, existe atualmente, uma expansão do negócio das escolinhas de iniciação esportiva, com o surgimento da franquia. Representam a possibilidade de abrir uma escolinha em um convênio com algum clube de futebol, onde se usará o nome do clube como forma de atrair a clientela. A franquia já é moda no Brasil e existem diversos clubes que adotaram essa possibilidade, levando em conta que seus espaços nos Centros de Treinamento (CT's) e demais instalações já não atendem a grande demanda, além de ser uma ótima forma de merchandising (MORAES *et al.*, 2016).

2.1.3.1 Categoria de Base: a proposta dos clubes de futebol

As escolinhas dos clubes não foram suficientes para atender a demanda de crianças que queriam participar das aulas, o que levou a uma variação benéfica para o futebol. Surgiu na década de 1980, uma especificidade ainda maior na área de formação de atletas, denominadas por Moraes et al., (2016) como Escolinhas Seletivas Clubistas, mais conhecidas como categoria de base.

As categorias de base são equipes de formação de atletas com algumas diferenças em relação as escolinhas de iniciação esportiva. Devido a necessidade de formação de atletas visando o profissionalismo e a grande demanda pela aprendizagem e prática do futebol, houve necessidade de uma espécie de enxugamento de atletas, onde os melhores das iniciações esportivas são escolhidos para comporem a categoria de base (MORAES *et al.*, 2016).

Esses jogadores selecionados para integrarem esta categoria separada, recebem uma atenção mais especial e mais voltada para a competição. As exigências são maiores em diversos aspectos, mesmo sabendo que ainda se trata de jogadores em formação, a cobrança por resultados positivos existe. Mas as condições fornecidas a esses atletas também são diferenciadas. Muitos clubes possuem os centros de treinamento (CT), onde se trabalha com

essa categoria em aspectos físicos, psicológicos, técnico e táticos. Alguns, desses integrantes moram nos próprios centros, em alojamentos criados pelo clube. O custeio fica por conta do clube, inclusive, existem clubes que oferecem uma bolsa em valores reais, como ajuda de custo aos jogadores. Além disso, nos centros de treinamento, toda a infraestrutura tende a ser de melhor qualidade e condições. Os campos são adequados à prática e as comissões técnicas têm no gerenciamento uma equipe multidisciplinar com a finalidade de dar suportes ao desenvolvimento dos atletas em áreas específicas, como acompanhamento escolar, nutricional e psicológico. Os centros, ainda disponibilizam refeitórios e academias (MORAES *et al.*, 2016).

A metodologia usada no ensino nas categorias de base já não possui uma variação tão acentuada, contando que o objetivo principal seja o alto rendimento e assim como nas escolinhas de iniciação esportiva, os treinadores são provenientes da carreira de jogador de futebol, utiliza-se do modelo considerado tradicional, o analítico, baseando-se também nas categorias de base, um ensino voltado maiormente para os aspectos físicos e técnicos como formação destes atletas mirins. Geralmente as crianças ou jovens que compõem as categorias de base são a partir dos 13 anos. Existem categorias sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20 que são preparadas para atingirem as condições exigidas pelas equipes profissionais futuramente (MORAES *et al.*, 2016).

Ainda, na esteira que envolve o ensino e o treino do futebol, surge no Brasil uma modalidade, denominada escolinhas não seletivas, que privilegia os projetos sociais vinculadas aos poderes públicos ou a organizações não governamentais sem fins lucrativos (ONG's). Estas estão longe de visar o esporte de alto rendimento, a cobrança por resultados, ou uma boa preparação física, aspectos técnicos e táticos. Nessas escolinhas o intuito é diferente. Se busca é claro, proporcionar também uma vivência aos alunos e a prática do esporte, mas geralmente estão ligadas mais aos aspectos sociais (MORAES *et al.*, 2016).

Presentes com mais frequência em bairros de menor poder aquisitivo na sociedade, as escolinhas não seletivas têm o poder de tirar, através da prática dos esportes e da convivência com os professores, que ajudam na educação e socialização durante a infância, essas crianças de diversos problemas caracterizados por bairros de periferia em países subdesenvolvidos como o Brasil. Drogas, tráfico em geral, violência e demais vícios são algumas consequências sofridas por crianças que acabam ficando à deriva durante o dia a dia de um bairro mais carente. Busca-se então, principalmente, direcioná-las no rumo de uma vida mais próspera (MORAES *et al.*, 2016).

No que se trata da estrutura, infelizmente as condições são precárias. Os alunos não precisam pagar por este ensino, mas as quadras e campos não costumam ser dos melhores, assim como os demais materiais usados. A metodologia é voltada para a formação do cidadão de bem em seu âmbito geral.

2.1.3.2 O ensino do futebol no âmbito escolar

O futebol tem como característica a competição e como na escola é considerado conteúdo de educação física, se faz necessário transformarmos esse esporte de competição, em um conteúdo de ensino, que possa ser ensinado de forma a atender a todos em igualdade de condições.

A educação física escolar surgiu oficialmente em 1851 no Brasil, quando ainda era denominada Ginástica. A educação física de forma geral foi extremamente influenciada pelos setores militares e médicos, propondo a prática de exercícios sistematizados muito parecidos aos do exército, pois os professores geralmente eram militares. Os esportes, após influência europeia, começaram a ganhar mais espaço nas escolas entre os anos de 1920 e 1930 (SOARES, 2012).

Mas mesmo antes dessa incorporação esportiva por parte da educação física, na mesma época em que Charles Miller registrou a primeira partida de futebol, Miller como já citado no trabalho, ensinava a prática do futebol aos colegas de escola e o esporte se espalhava entre os colégios da alta aristocracia brasileira por volta de 1890. Outro fator de grande influência na presença do futebol no âmbito escolar foi o surgimento no Brasil do Método Esportivo Generalizado, divulgado e aplicado por um dos seus criadores o Frances Auguste Listello em 1950 (ROTTMANN, 2018).

As escolas principalmente católicas, aderiram o futebol na matéria de educação física, se espelhando no modelo europeu de ensino, em que a prática da atividade física era uma possibilidade de educar. Entre alguns principais colégios está o Colégio São Luiz de São Paulo, frequentado pela elite social do país e que depois viriam a se transformar em professores e grandes disseminadores da prática no Brasil. No Rio de Janeiro também houve registros de escolas que implementaram o futebol, o Colégio Vicente de Paula, de Petrópolis, e no Colégio Militar, no Ginásio Nacional, no Colégio Abílio, no Alfredo Gomes e no Anglo-Brasileiro. Mesmo tratado como uma forma de educar, o que poderia alterar a metodologia com que seria ensinado o futebol na educação física, isso não ocorreu. O futebol era ensinado de maneira a

ser influenciado tanto pelo forte histórico militar, que resultava num foco físico, e pelo futebol de alto rendimento, de maneira a acentuar a técnica (MORAES *et al.*, 2016).

Conduzir o ensino do esporte na escola numa perspectiva de rendimento, passou a ser um dos maiores equívocos, uma vez que o tornou seletivo e excludente. A performance no esporte mensurada e valorizada é em função da vitória ou da derrota, inclusive, os meios empregados no treinamento são medidos levando em consideração o resultado final (BRACHT, 2000). Contrapondo esta perspectiva, esse mesmo autor escreve que o esporte na escola enquanto atividade escolar, só tem sentido se for integrado ao Projeto Pedagógico da Escola. Ainda nesta perspectiva, o autor escreve que uma pedagogia crítica na Educação Física está condicionada por aquilo que realmente acontece na escola como um todo, deve estar articulada com os objetivos escolares, o que, provavelmente, representará os avanços e as contradições deste contexto.

O papel da escola enquanto ao ensino do esporte se faz necessário reconhecer a sua evidência social considerando que a escola não pode ficar alheia ao fenômeno sócio cultural. Na escola, entre os espaços em que o esporte é praticado, tem o papel de transmitir a prática social para as gerações futuras com ajuda dos professores de Educação Física (STIGGER; LOVISOLO, 2009).

Dois terços dos conteúdos do currículo desenvolvidos em aula de Educação Física escolar dizem respeito aos esportes coletivos. Existe uma extensa tradição no processo de ensino dos esportes concentrada nas abordagens tecnicistas. A tendência tradicional pelo ensino analítico (tecnicista), tem base num conjunto de normas que regulamentam a transmissão e um conhecimento considerado “pronto”, que deve ser passivamente recebido e incorporado pelo aluno, para posterior reprodução (SILVA, 1998).

Nos dias atuais, temos duas abordagens que são norteadoras do ensino do futebol no âmbito da escola. A primeira, ainda tem como arcabouço o ensino pela metodologia analítica, onde os gestos técnicos têm prioridade. A outra tem como escopo o ensino do futebol através de atividades lúdicas.

Brougère (1998) ao se referir a atividades lúdicas, afirma:

(...) que a cultura lúdica compreende evidentemente estruturas de jogo que não se limitam às de jogos com regras. O conjunto das regras de jogo disponíveis para os participantes numa determinada sociedade compõe a cultura lúdica dessa sociedade e as regras que um indivíduo conhece compõem sua própria cultura lúdica. O fato de se tratar de jogos tradicionais ou de jogos recentes não interfere na questão, mas é preciso saber que essa cultura das regras se individualiza, particulariza-se. Certos grupos adotam regras específicas. A cultura lúdica não é um bloco monolítico, mas um

conjunto vivo, diversificado conforme os indivíduos e os grupos, em função dos hábitos lúdicos, das condições climáticas ou espaciais.

Nesta mesma direção, é importante compreender, também, que a chamada experiência cultural é uma relação bem próxima entre o sujeito e o ambiente no qual ele vive ou convive e, quando fazemos a devida transposição dessa experiência cultural para as características lúdicas, entendemos que o lúdico, o brincar, a devida experiência criativa, começam com o viver criativo que está presente e manifestado na própria brincadeira, ou na própria ludicidade (WINNICOTT, 1975).

Desenvolver aprendizagens dos aspectos atitudinais e conceituais do futebol por meio de vertente lúdica com alunos/as de 08 a 15 anos, participantes de um Camping de férias de uma escola de futebol na cidade de São Carlos-SP, elaboram um jogo intitulado Futebol Go (FG). O FG mescla as lógicas de um jogo eletrônico e de um jogo tradicional de cartas. Essa junção auxiliou na confecção de uma nova ferramenta educativa, idealizada para contribuir na formação crítica e política dos participantes do Camping de férias, transcendendo desse modo o ensino do futebol pensado hegemonicamente apenas em sua dimensão procedimental (FERREIRA; IMPOLCETTO, 2017). Aprender futebol não pode nem deve se resumir mais ao aprendizado de gestos técnicos estereotipados e descontextualizados de suas razões de ser. Os achados, como prática educativa, desta proposta revelaram progressos na compreensão do futebol em suas dimensões conceitual e atitudinal, protagonizados pela ludicidade envolvida no jogo. Somado a isso, a ação pedagógica contribuiu na formação dos participantes, pois para além de se apropriar de modo crítico das tecnologias da informação e comunicação (TIC), as crianças e jovens conseguiram significar como tais artefatos podem e devem estar a serviço da sociedade (CASARIN *et al.*, 2011).

No contraponto a este modelo, temos ainda, de uma maneira muito significativa o ensino pelo modelo analítico. A partir do século XX, na busca por um melhor rendimento e organização na forma de treinar, começaram as tentativas de sistematizações e métodos dos mesmos. No leste europeu, por exemplo o treino é processado mais de forma analítica, baseado na Síndrome Geral da Adaptação, criado pelo cientista austríaco Hans Selye e apresentado por Leve Pavlovitchi Matvev (FERRARI, 2020).

O modelo analítico é também considerado tradicional por ter sido usado por muito tempo e no seu nascedouro preconizava a preparação física como ponto de referência, perdendo de vista a dimensão técnica e deixando de lado o modelo de jogo e outros aspectos oriundos dos esportes coletivos. Isso levou a diversos questionamentos por parte de estudiosos que aos

poucos, dentre as décadas de 1950 e 1970, aprimoraram o método de maneira a que pudesse contemplar, principalmente no futebol, a técnica juntamente com o viés físico (FERRARI, 2020). Além disso, existem na literatura outras denominações para identificar esse modelo, dentre elas se destacam a analítico-sintético, a parcial e a técnica (GARCEZ, 2017; SANTOS NETO, 2013).

Estes modelos tratam de analisar os jogadores profissionais de alto rendimento, notando suas principais habilidades e tenta-se reproduzi-las no ensino futebolístico em etapas. Como dito, o método por vezes denominado como parcial, faz jus ao seu nome pois na sua maneira de ensinar o faz por partes, dividindo as habilidades motoras que serão trabalhadas em exercícios que irão enfatizar determinado gesto, técnica ou movimento (FETT, 2012).

Greco; Benda (1998), escrevem:

(...) que o aluno conhece, em primeiro lugar, os componentes técnicos do jogo através da repetição de exercícios de cada fundamento técnico, os quais são logo acoplados a série de exercícios, cada vez mais complexos e mais difíceis; à medida que a ajuda e a facilitação diminuem, gradativamente aumenta a complexidade e a dificuldade das ações. À medida que o aluno passa a dominar melhor cada exercício, passa a praticar uma nova sequência. Estes movimentos já dominados passam a ser integrado em um contexto maior, que logo permitirão o domínio dos componentes básicos da técnica inerente ao jogo esportivo, na sua situação do modelo ideal (GRECO; BENDA, 1998).

O ensino dos esportes por este modelo tem suas vantagens e desvantagens. A vantagem primordial é proporcionar o desenvolvimento técnico do aluno, deixando-o mais habilidoso e com um contato mais constante com a bola. O método analítico demonstra ter a capacidade de quando aplicado proporcionar no aluno uma melhora no gesto técnico devido a repetição sistemática, sem oposição, deixa-se que o aluno tenha toda sua energia e atenção dedicada ao aprimoramento dele (UDF, 2012).

Para quem está ensinando também há benefícios, o professor tem uma maior facilidade para orientação na melhora do gesto técnico tendo um feedback melhor do desenvolvimento do aluno respeitando seu ritmo de aprendizado. Durante muito tempo, desde que surgiu por volta da década de 1960, este modelo cedeu ao futebol grandes jogadores e a conquista de campeonatos por parte da seleção brasileira de futebol, sendo utilizada pela maioria das iniciações esportivas, categorias de base e até equipes profissionais (UDF, 2012). Até hoje este modelo é muito utilizado em todas as modalidades do futebol como futsal, futevôlei e futebol de areia.

O modelo analítico, por outro lado, tem, quando da sua aplicação, desvantagens que podem prejudicar o desenvolvimento integral do aluno. Essas desvantagens estão vinculadas ao

modelo de ensino, uma vez que utiliza procedimentos para a aprendizagem do gesto técnico de forma isolada e distante da realidade do jogo. Como consequência, o aprendiz conhece profundamente os fundamentos do jogo, porém, desconhece o universo que o envolve. Neste caso, o aprendiz deve ter a formação futebolística baseada, não somente nos processos gestuais, mas também nas ações de jogo com diferentes situações exigindo, a par disso, análise com o objetivo de adaptar a sua resposta – tomada de decisão - e agir de acordo com estas situações. A tomada de decisão seria em outras palavras de modo a simplificar o termo, as atitudes tomadas pelo jogador no jogo, para solucionar os problemas e situações em que foi exposto com o fim de dar sequência benéfica as jogadas (CLEMENTE; MENDES, 2011).

Este modelo, por dar demasiada atenção ao gesto técnico e não utilizar a aplicação de jogos reduzidos, a percepção tática pode ser precária resultando segundo Matias; Greco (2010), em um baixo desenvolvimento “dos processos cognitivos que desencadeiam tomadas de decisão, as quais objetivam a execução motora direcionada à obtenção da meta desejada” (p. 30).

No ano de 1987 como surgimento dos Congressos Mundiais de Ciência e Futebol, que congregavam vários especialistas, entre treinadores, investigadores, médicos e dirigentes esportivos e que tinham por objetivo disponibilizar informação corrente sobre o futebol, através da divulgação de conhecimento científico mediante apresentação de trabalhos com atualidade, foi possível constatar que 80% dos trabalhos apresentados versavam, não sobre a dimensão tática do jogo, mas, sim sobre a dimensão técnica e física. Alguns anos depois, 1995, começaram a surgir estudos direcionados a dimensão tática. Caracterizando, com uma leitura linear que o escasso número de estudos pode evidenciar uma diminuta importância aos aspectos táticos no futebol. É possível afirmar, portanto, que a possível reduzida expressão dos trabalhos científicos que focalizam a sua atenção na dimensão tática é fruto das limitações ao nível do estado do conhecimento e da metodologia da investigação aplicada ao futebol (GARGANTA; MAIA; MARQUES, 1996)).

2.1.4 O ensino do futebol pela perspectiva da dimensão tática

Após questionamentos o surgimento do método analítico, como citado no tópico anterior, apareceram diversas tentativas de melhor sistematizar e periodizar o futebol e dentre elas surge o modelo global, que oriundo de estudiosos da área, buscava propor ações derivadas do conhecimento das necessidades dos esportes coletivos de invasão.

O Método Global, assim como o analítico, é considerado tradicional, no entanto, neste método, contrário ao analítico, o ensino acontece visando o todo do esporte, os aspectos técnicos, físicos, táticos e emocionais juntos para que se desenvolvam simultaneamente. Outra característica deste método é a utilização de minijogos, para o melhor desenvolvimento dos aspectos citados, no ato de jogar e facilitar a manipulação por parte do treinador. Os trabalhos em espaço reduzidos podem ter suas regras alteradas com o intuito de melhor servir ao propósito específico do treinador (ALMEIDA, 2014; FILGUEIRAS, 2014; GOMES; J., 2017; GREBOGGY; SILVA, 2018)

A Periodização Tática, similar ao modelo de ensino global, regula todo o processo de treino, desenvolvendo as variáveis cognitivas, físicas, técnicas e psicológicas. O processo de treino tem como grande objetivo a aquisição de conceitos de jogo, se baseia nas demandas que o jogo exige, tática individual e coletiva quando se está de posse ou sem a bola, sendo, portanto, um treino para aquisição das habilidades que contribuam para resoluções de problemas frente a determinadas situações de jogo. O modelo em questão tende a romper com outras formas de treinar, de modo a operacionalizar a partir do treinamento sistemático, produzindo padrões de comportamentos individuais, setoriais, inter setoriais e coletivos (FERREIRA; IMPOLCETTO, 2017).

Todo este trabalho aplicado gera a complexibilidade e imprevisibilidade dos jogos coletivos, o que tende a desenvolver a capacidade cognitiva e de tomada de decisão do atleta assim como sua percepção tática do jogo. O jogador que possui uma capacidade de tomada de decisão aspira a ter um melhor processamento cognitivo e uma maior capacidade tática, isto é, tem um maior entendimento do jogo (CLEMENTE; MENDES, 2011).

A tática é a inter-relação dos fatores do jogo: espaço, tempo, colega, bola, adversário, na dependência direta do objetivo final do desporto e dos objetivos táticos gerais e específicos da ação ((BAYER, 1998; CLEMENTE; MENDES, 2011). Toda a capacidade do jogador de tomar decisões, influenciará na sua capacidade de resolver e conhecer os processos táticos do jogo. Também por já terem essa capacidade cognitiva de responder às situações, ou seja, de tomada de decisões, é que os jogadores mais veteranos possuem um melhor conhecimento tático do jogo e conseguem responder mais efetivamente (CLEMENTE; MENDES, 2011).

Em um futebol tão evoluído, tático e sistematizado como o atual, pode ser que um jogador ou aluno que durante sua infância/juventude, não tenha trabalhado através de uma

perspectiva da dimensão tática, jogos reduzidos e do desenvolvimento dos processos cognitivos voltados para a dimensão do jogo, tenham maior dificuldade em atividades voltadas para estes objetivos quando tiver a idade mais avançada. Podendo, mais tarde apresentar dificuldades nos aspectos derivados da percepção tática como a leitura do jogo em geral, quando e onde se posicionar durante a partida com e sem a posse de bola, saber quando e como fechar os espaços do adversário quando estiver sem a posse de bola, entender a marcação por zona ou individual, dificuldade para entender e se adaptar aos sistemas táticos (CLEMENTE; MENDES, 2011).

A tática, neste caso é a inter-relação dos fatores do jogo: espaço, tempo, colega, bola, adversário em cada situação, na dependência direta do objetivo final do esporte e dos objetivos táticos gerais e específicos da ação. O jogo é constituído por situações, que são irreprodutíveis, únicas, as ações táticas são tanto “em” quanto “na” situação. As ações táticas são realizadas através da tomada de decisão e implicam em relacionar processos cognitivos com processos motores. Isto é, quando um atleta realiza uma técnica específica da modalidade, por exemplo, um passe, ele tomou uma decisão tática escolhendo essa ação motora como a mais adequada a resolver a situação de jogo, nesse caso o conhecimento tático –declarativo e processual – estão sendo interligados na busca dos objetivos do jogo (BAYER, 1998).

Nesta esteira, se verifica que as ações táticas, como de jogadas para pequenos grupos de jogadores é limitada. Assim, a escolha desses elementos deve cobrir as circunstâncias do jogo da forma mais completa possível. Ainda, elas devem levar em conta as habilidades dos iniciantes e respeitar suas limitações para evitar sempre um desconforto. Portanto, isso nos leva ao fato de que um jogador de futebol ou uma criança que pratica futebol, deve ser estimulado taticamente, principalmente nos JEC e com a sequência de atividades (procedimentos), que promova no jogador/aluno a capacidade de escolher, de forma inteligente, a melhor alternativa de decisão, antecipando e respondendo as exigências e situações que apresentam nas ações de aula ou de treino, bem como nos jogos. A coordenação da sequência de ações e a execução destas definem a qualidade da realização das jogadas planejadas (FILGUEIRAS, 2014).

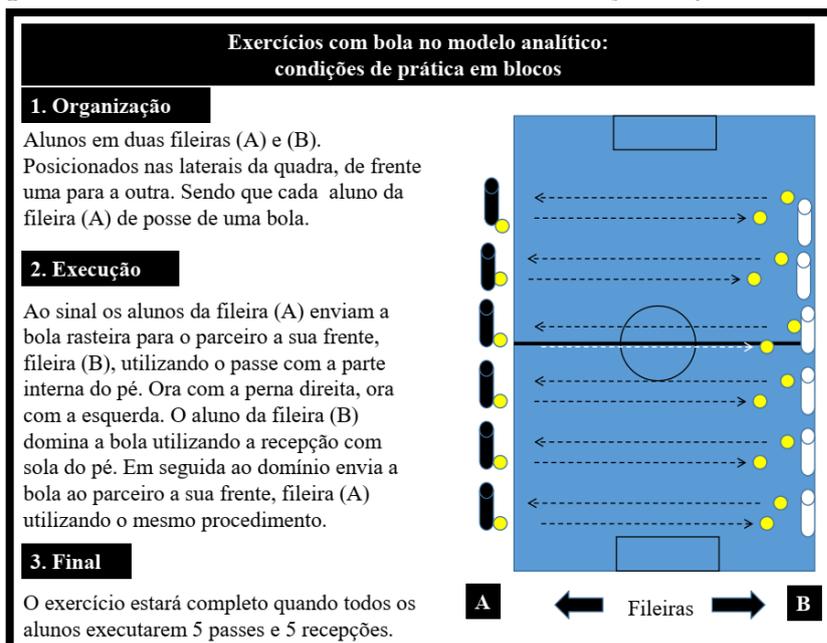
Fica evidente, portanto, que neste modelo o professor/treinador, em vez de punir os erros, identifique quais são os enredos que estão na origem da respectiva ocorrência, e mediante análise proativa, os aproveite para fazer progredir os praticantes (GARGANTA, [s. d.]). O melhor modelo de ensino para crianças e jovens iniciantes não é proibir, mas sim guiar. Segundo ele, guiar não no sentido de conduzir, mas de ensinar a aprender a pilotar o jogo (CRUYFF, 2002).

Quadro 2 – Comparativo entre os modelos de ensino pela dimensão técnica e cognitiva

Características pedagógicas	Modelo analítico/sintético/ Dimensão Técnica/Física	Dimensão Tática/Cognitiva
Forma de aprendizagem	Apresenta um elemento chave do gesto técnico de cada vez (fragmentado)	Apresenta ações próxima ou na realidade do jogo (variabilidade)
Objetivo	Ensino da mecânica do gesto, pela repetição, visando alta performance	Desenvolvimento da Inteligência Tática e de Jogo
Desenvolvimento/aplicação para o desenvolvimento da técnica	Aplicada de maneira a simular as técnicas necessárias para o jogo, porém de forma isolada	Aplicada de maneira a simular situações de jogo, estabilização, variação e automatização
Desenvolvimento/aplicação para o desenvolvimento da tática	Trabalhos que focam muito pouco o jogo formal	Apoio de jogos para o desenvolvimento da inteligência tática; capacidades táticas básicas e capacidades coordenativas
Organização de prática	Condições de prática em bloco ou em séries	Condições de prática randômica aplicadas em jogo
Aspectos relevantes	Preconiza do ensino das habilidades técnica para após sua estabilização aplica-la em situações próximas ou na realidade do jogo.	Conhecimento do universo do jogo, possibilitando a leitura antecipada das ações, permitindo, a par disso, a escolha da ação a ser realizada

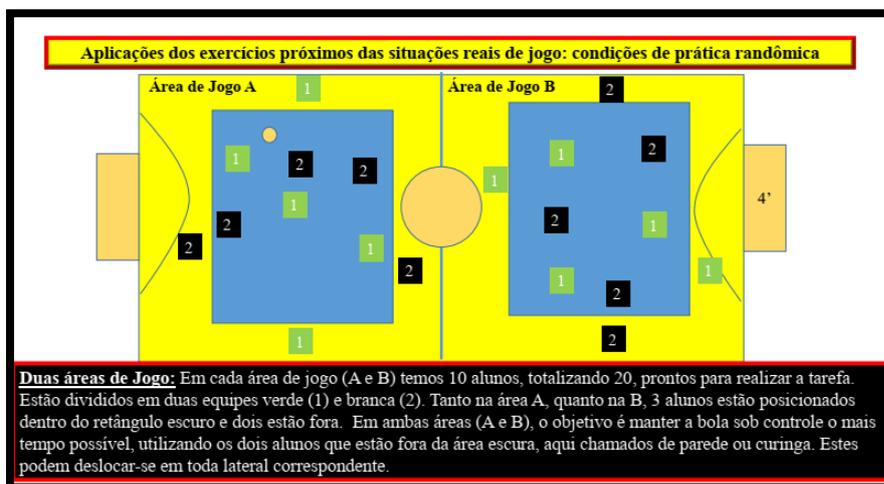
Fonte: adaptado de (ABURACHID *et al.*, 2019)

Figura 1 – Exercício com bola no modelo analítico: condições de prática em bloco



Fonte: Lima (2021)

Figura 2 – Exercício com bola no modelo da dimensão cognitiva/tática: condições de prática randômica



Fonte: Lima (2021)

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da investigação

O estudo constituído de uma investigação bibliográfica e seguiu a metodologia sugerida por (GIL, 1996; PICCOLI, 2006). Inicialmente, o objetivo do trabalho foi estabelecido por meio da definição do seguinte problema: o ensino pela dimensão tática no âmbito da escola ou em outros segmentos resulta no desenvolvimento da inteligência de jogo de jovens em idade escolar e iniciantes? Se utilizou ideias de diferentes autores para caracterizar os principais conceitos relativos ao problema proposto. A pesquisa assumiu um caráter exploratório analítico a fim de proporcionar melhor visão do problema e apresentar pontos de vista de diferentes autores sobre o tema abordado. Após a determinação do objeto do estudo, coletou-se os artigos e livros relacionados, de modo sistematizado. A interpretação dos resultados realizados após consulta e a comparação dos resultados entre si, procurou imprimir mais significado aos dados quando considerados relativamente ao problema proposto.

3.2 Plano de coleta de dados

O plano de coleta de dados definiu inicialmente, quais itens seriam pesquisados, para em seguida ordená-los, formando um índice que correspondesse ao desenvolvimento que se daria à pesquisa. Na sequência, se identificou quais as fontes que poderiam fornecer as respostas adequadas à solução do problema sugerido. Procedeu-se à procura de catálogos de livros, artigos de periódicos, teses, dissertações, monografias, relatórios de pesquisa, anais de eventos e páginas da internet. Para tanto, se utilizou bases eletrônicas de consulta de algumas instituições de ensino superior, de sites de busca na internet e da bibliografia citada nas publicações encontradas. Diagnosticou-se, a partir de 1970 até os dias atuais, 53 textos que versavam sobre futebol, ensino no modelo analítico, ensino pela dimensão cognitiva, histórico do futebol e normalização para trabalhos de conclusão. Sendo 33 em revistas científicas, 5 em monografia de graduação, 1 de mestrado, 4 em anais de congressos em educação física e 10 em livros.

De posse do material bibliográfico tido como suficiente, passou-se à sua procura e leitura com a finalidade de identificar as informações e os dados constantes no material selecionado, estabelecendo relações entre as informações e o problema proposto. Na medida que se fazia a leitura, se processou análise das mesmas com o intuito de se verificar a consistência das informações ali apresentadas. Para isso se realizou leitura integral da obra ou

do texto selecionado, para na continuidade se hierarquizar e sistematizar os conceitos e ideias consideradas chaves.

Todas as informações foram anotadas, essas anotações foram organizadas na forma de fichamento contendo a referência da obra lida. A última etapa desta pesquisa bibliográfica foi a redação, na primeira escrita apenas um rascunho para em seguida a redação definitiva. Para que se garantisse uma redação dentro das normas técnicas exigidas foi consultado um profissional especializado nestas normas. Por fim o texto completo, sofreu ainda, uma revisão no sentido de dar clareza na escrita.

A pesquisa bibliográfica é uma das melhores formas de iniciar um estudo, buscando-se semelhanças e diferenças entre os artigos levantados nos documentos de referência. A compilação de informações em meios eletrônicos é um grande avanço para os pesquisadores, democratizando o acesso e proporcionando atualização frequente. O propósito geral de uma revisão de literatura de pesquisa é reunir conhecimentos sobre um tópico, ajudando nas fundações de um estudo significativo para educação física. Esta tarefa é crucial para os pesquisadores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão serão derivados catálogos de livros, artigos de periódicos, teses, dissertações, monografias, relatórios de pesquisa, anais de eventos e páginas da internet conforme tema explícito durante o trabalho. Após leitura análise dos textos selecionados, por um lado, é possível afirmar que a metodologia de ensino centrada na dimensão cognitiva/tática produz nos jovens iniciantes, quando comparado com a metodologia analítica, efeitos positivos na tomada de decisão frente a uma situação próxima ou dentro da realidade do jogo, que possibilitará ao aprendiz escolher qual a ação a ser realizada naquele momento. Por outro, é possível também afirmar que o modelo tradicional apresenta efeitos no aspecto do desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica através de processos de ensino/treino repetitivos. Os dados analisados, mostram, ainda, uma terceira via para o ensino/treino do futebol. Nesta se verificou uma tendência no sentido de aplicação simultânea dos dois modelos, iniciando as atividades centradas no desenvolvimento da dimensão cognitiva/tática, para na sequência o aprimoramento das ações técnicas que estejam sendo exigidas no contexto da dimensão tática.

O princípio analítico-sintético é uma forma de manifestação desta abordagem tradicional, caracterizado principalmente pelo processo de EAT (Ensino-aprendizagem-treinamento) realizado em partes, em etapas, no qual o aluno conhece, em primeiro lugar, os componentes técnicos do jogo, através da repetição e busca por padronização e automatização de cada fundamento técnico, os quais são inseridos em séries de exercícios cada vez mais complexos (KNUT; GERHARD; HANS, 2005).

Neste sentido, um estudo analisado a partir de entrevistas com o objetivo de verificar a importância na aplicação de diferentes modelos de ensino, tendo como sujeito da investigação treinadores de Handball, esporte este considerado como de invasão, no estado de São Paulo na categoria sub-14, foi observado que a aplicação do modelo analítico, em relação aos demais analisados, propôs situações benéficas na formação dos jogadores. Esse estudo demonstrou uma atenção ao ensino pelo modelo tradicional contrapondo ao ensino somente tático. Menezes; Marques; Nunomura (2014), escrevem que esses achados se justificam, tendo em vista, que no modelo de ensino tático existe uma forte tendência na aplicação de jogos em campo reduzido e adaptados, não focando, especificamente, o gesto técnico. Segundo esses autores, o ensino centrado nas habilidades motoras específicas do futebol proporcionará uma maior facilidade na execução dessas habilidades, bem como, um menor gasto energético na aplicação do mesmo quando exigido.

Garganta et al., (2013), corroborando com o estudo supracitado, complementam afirmando que o ensino com foco na técnica, se desenvolvido de maneira mais específica, além de proporcionar um menor gasto energético na realização da tarefa, possibilitará, também uma resposta motora alinhada com o que determina as ações de jogo. Isto ocorre devido a técnica não ser o único foco do trabalho, mas percepção que permite a materialização da tomada de decisão.

Nesta mesma direção, em um estudo para a formação de atletas mirins (sub-12) se verificou, conforme orientam Menezes; Marques; Nunomura (2014), que existe uma dificuldade na aplicação dos conteúdos do esporte, com base na metodologia que envolve a dimensão tática nesta faixa etária, em função da complexidade de entendimento que é para os alunos, quando da execução e consequente aprendizagem, o que certamente dificultaria o desenvolvimento de atividades da perspectiva tática. No entanto, Figueira; Greco (2008), esclarecem que uma técnica mais apurada só será cada vez mais aperfeiçoada se desenvolvida em espaços reduzidos na perspectiva tática, no qual o determinado fundamento em foco, seja aplicado de maneira mais associada com a situação de jogo. Neste caso, a técnica atingirá seu

ápice quando integrada com elementos táticos e elementos cognitivos, juntando as capacidades psicológicas com a capacidade de percepção, antecipação e tomada de decisão. Mesmo assim, esses autores ressaltam que a excessiva transmissão de informações para alunos mirins pode acarretar em erros na execução, devido a menor capacidade de processamento da criança e menor velocidade de resposta motora, portanto, um dos desafios do treinador/professor é proporcionar o desenvolvimento tático respeitando as limitações do público alvo.

Garganta et al., (2013), concordam que na categoria mirim (sub-10), a capacidade cognitiva destes alunos ainda não está preparada para processar um número alto de informações, porém, na medida em que esses jovens evoluem e apresentam uma maior disposição para processá-las, (sub-14), por exemplo, é possível ampliar esse número através da aplicação de jogos próximos ou na realidade do jogo.

Menezes; Marques; Nunomura (2014), complementam afirmando que a junção dos modelos, analítico e tático ajudará a transformar o ambiente de aprendizado em um lugar mais versátil, atingindo todos os pré-requisitos necessários para uma formação integral dos alunos. Essa junção também irá proporcionar assim uma maior variabilidade de atividades propostas pelo professor, gerando uma aula com dinâmicas diferentes e assim sendo mais motivadoras.

A possível junção no sentido de utilizarmos tanto o modelo pela dimensão técnica quanto o da dimensão tática são pontos considerados chaves para o desenvolvimento destas duas perspectivas, no entanto, é importante salientar que o ensino/treino pela dimensão tática/cognitiva preconiza o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão do aluno, possibilitando destarte a escolha da ação a ser realizada frente as situações próximas ou de jogo, o que significa afirmar que a aplicação do ensino/treino pela dimensão tática/cognitiva antecedendo ao treino pela dimensão técnica permite ao aluno pensar utilizando a inteligência tática para definir dentre várias alternativas, qual a que se adequa àquela situação ou seja, qual o fundamento técnico é importante a ser aplicado naquele momento (FIGUEIRA; GRECO, 2008).

Ainda sobre este tema, Silva (1998), considera que o ensino pela dimensão técnica deve estar incluso no planejamento com percentuais abaixo do modelo pela dimensão cognitiva. Esta afirmação se baseia na variabilidade do jogo, exigindo do aluno respostas inteligentes com relação aos diferentes posicionamentos no campo e constante tomada de decisão, contrariando, portanto, os procedimentos pela dimensão técnica que propõe atividades distantes desta realidade.

Morales; Greco (2007), com base em pesquisas comparativas entre ambos os modelos, com alunos até 14 anos, escrevem que o modelo analítico também tem a capacidade de desenvolver inteligência tática, porém não plenamente, uma vez que a resposta motriz é previamente organizada pelo professor/treinador, neste caso, o aluno apenas reproduz os movimentos, não apresentando nenhuma criatividade, principalmente na escolha, por ele mesmo, da ação a ser realizada.

Figueira; Greco (2008), orientam que a inteligência tática também só será aperfeiçoada plenamente quando trabalhada pela dimensão cognitiva em espaços reduzidos, próximos ou dentro da realidade do jogo, o que favorece de uma maneira muito clara várias tomadas de decisão, beneficiando desta forma um maior desenvolvimento da criatividade nas situações de jogo, o que no modelo analítico não ocorre com esta ênfase.

Garganta et al., (2013), acrescentam ainda, que o modo analítico de desenvolver este tipo de inteligência não possibilita a exposição fragmentada de aspectos táticos por parte do professor dificultando ou até mesmo não deixando claro algumas reproduções características do todo do futebol, com o sua complexidade de ações, participação de grupos de maneira simultânea em espaço comum reduzido, além de outros componentes táticos.

Os mesmos autores, afirmam, ainda que o modelo analítico fragmenta os aspectos técnicos principais do futebol, o que é de grande importância devido sua capacidade de apuração técnica, mas nos jogos de invasão, como o futebol, o que os caracterizam são os princípios táticos ofensivos e defensivos. Esses componentes, conforme determinam esses mesmos autores devem ser apresentados e demonstrados de maneira mais acentuada aos alunos.

Aquino et al., (2015), explicam que os princípios táticos no modelo analítico são trabalhados na maioria das vezes através do jogo, não possibilitando, a par disso, o ensino/treino fragmentado como ocorre quando se desenvolve ações centradas nos fundamentos (técnica) do jogo. Da Costa et al., (2010), sinalizam que no modelo analítico, ao se utilizar jogos, após o ensino das ações técnicas, não seria a forma mais adequada, uma vez que não haveria clareza na sua orientação motivada pela dificuldade do aluno em transferir o que aprendeu anteriormente, na forma fragmentada e distante do jogo, para uma situação, cujo universo envolvendo ações de ataque e defesa, é totalmente diferente.

Em atenção ao ensino pela dimensão cognitiva/tática, Garganta (2002), cita que nos esportes coletivos, a exemplo do futebol, há uma constante reversibilidade entre ataque/defesa e defesa/ataque pela presença do oponente, exigindo em função desta máxima, da parte de quem está no ataque e de quem está em oposição, de análise e leitura prévia sobre as demandas das

situações que surgem no jogo, com a clara intenção de se escolher qual a ação a ser realizada para aquele momento específico. O ensino e o treino na perspectiva desta dimensão atende a estas demandas o que não ocorre quando se aplica o modelo tradicional. No modelo tradicional as ações são efetivadas distantes da realidade do jogo.

Com este mesmo propósito, Morales; Greco (2007), fazem referência aos objetivos que demandam da tarefa e que às vezes não são atingidos de forma plena, gerando nos alunos constrangimentos. O ensino e o treino pela dimensão cognitiva/tática ao contrário do modelo analítico, reduzirá esses constrangimentos, tendo em vista que a aplicação do modelo pela compreensão adotará estratégias para resolução destes equívocos, onde o aluno de maneira inteligente perceberá que é possível a retomada da tarefa mediante uma alternativa de execução que esteja adequada aquela situação (COSTA *et al.*, 2010).

Quina; Graça (2011), contrapondo o ensino pelo modelo analítico, sinalizam que no modelo pela dimensão cognitiva/tática, por haver um processo de aproximação gradual visando a identificação, por parte do aluno, do real significado da cooperação e oposição, permitem que estes na realização da tarefa, percebam as demandas da mesma e como consequência, elaboram de uma maneira inteligente a resposta motriz. Garganta et al., (2013), complementam, afirmando que o ensino pela compreensão das ações táticas de jogo, além de diminuir os constrangimentos, pelo não atingimento dos objetivos presentes na demanda das tarefas, permite que os alunos, de forma inteligente, encontrem soluções, tanto individual quanto em grupo, demonstrando entendimento nas ações de cooperação e oposição.

Figueira; Greco (2008), escrevem que vários autores da área, em estudos já publicados, defendem que a capacidade tática se relaciona com os processos cognitivos, e que o desenvolvimento de uma favorece a outra. Os processos cognitivos têm uma relação direta com o reconhecimento, elaboração e memorização das informações, distinguindo as essenciais das não essenciais, em um dado momento específico da situação de jogo. Estes processos são denominados de diferenciação mental onde são desenvolvidas as ações de aprendizagem de execução das ações esportivas. Toda decisão nos jogos esportivos coletivos depende basicamente da percepção da situação de jogo e a comparação de informações presentes nesta com os conhecimentos adquiridos armazenados na memória.

Os processos cognitivos relacionados com o componente tático produzirá ações inteligentes. Este tipo de inteligência é importante ser desenvolvida tanto no âmbito escolar quanto nas iniciações esportivas, na formação de jogadores em categorias de base e até mesmo em diversos contextos de alto rendimento. Os alunos nas escolas, devido a maior autonomia na

prática do esporte e liberdade para vivenciá-la, terão um maior entendimento sobre o esporte e assim capacidade crítica sobre o mesmo. Por outro lado, em um futebol tão desenvolvido, tático e inteligente quanto o atual, é essencial desenvolver na formação de jovens, a percepção e inteligência tática e de jogo (AQUINO *et al.*, 2015; COSTA *et al.*, 2010).

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

As evidências encontradas, com relação ao ensino pela dimensão cognitiva/tática no âmbito da escola ou em outros segmentos, mostraram efeitos positivos no desenvolvimento da inteligência de jogo/tática, especificamente na tomada de decisão frente a uma situação próxima ou dentro da realidade do jogo, possibilitando ao aprendiz escolher qual a ação a ser realizada naquele momento.

Mostraram, também que o ensino pela dimensão técnica (modelo analítico) produz efeitos no aspecto do desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica através de processos de ensino/treino repetitivos.

Os dados analisados neste estudo mostraram uma terceira via para o ensino/treino do futebol. Se verificou uma tendência no sentido de aplicação simultânea dos dois modelos, iniciando as atividades centradas no desenvolvimento da dimensão cognitiva/tática, para na sequência o aprimoramento das ações técnicas que estejam sendo exigidas no contexto da dimensão tática.

Os achados, revelaram também, que os modelos de ensino pela dimensão cognitiva e pela técnica, apresentam desvantagens quando da sua aplicação. No primeiro modelo foi possível se observar uma preocupação maior com as ações de jogo, na relação direta com a tomada de decisão, colocando a resposta motriz (ação) em um segundo momento. No modelo da dimensão técnica ocorre ao contrário, a preocupação se concentra na performance da resposta motriz.

Recomenda-se, em virtude dos resultados interpretativos obtidos ao longo desta revisão, que o problema proposto seja abordado também por meio de uma pesquisa experimental, envolvendo, além do grupo controle, mais dois grupos, orientados um para o modelo da dimensão técnica e o outro para a dimensão cognitiva/tática.

REFERÊNCIAS

- ABURACHID, Layla Maria Campos *et al.* Badminton: possibilidades de ensino aplicadas ao contexto da educação física escolar. **Journal of Physical Education**, v. 30, n. 1, p. e-3055, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/43572>. Acesso em: 7 set. 2021.
- ALLARD, Fran; BURNETT, Neil. Skill in sport. **Canadian Journal of Psychology**, v. 39, n. 2, p. 294–312, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0080063>. Acesso em: 4 set. 2021.
- ALMEIDA, Luiz Fernando Carvalho. **O futebol na escola: reflexões sobre as metodologias de ensino de futebol**. 2014. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Educação Física, Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira, 2014. Disponível em: <http://localhost:8080/xmlui/handle/123456789/1418>. Acesso em: 4 set. 2021.
- AQUINO, R. T. *et al.* Proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos: desenvolvimento do conhecimento tático em jogadores com 10 e 11 anos de idade. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 115–128, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.6063/motricidade.3724>. Acesso em: 6 set. 2021.
- ASSIS, Ríverton Teixeira *et al.* **A escolinha de futebol na iniciação da prática de esportes**. 2015. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Educação Física, Faculdade de Educação e Meio Ambiente - Faema, Ariquemes, 2015. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/2206>. Acesso em: 4 set. 2021.
- BAYER, Claude. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Espanha: Hispano Europea, 1998. *E-book*. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=246278>. Acesso em: 4 set. 2021.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, v. 6, n. 12, p. 14–24, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2504>. Acesso em: 4 set. 2021.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, p. 103–116, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>. Acesso em: 4 set. 2021.
- CASARIN, Rodrigo Vicenzi *et al.* Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 133–152, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.16302>. Acesso em: 4 set. 2021.
- CLEMENTE, Filipe; MENDES, Rui. Aprender o jogo jogando: uma justificação transdisciplinar. **Exedra**, n. 5, p. 27–36, 2011. Disponível em: http://exedra.esec.pt/docs/N5/02A-FClemente_RMendes.pdf. Acesso em: 4 set. 2021.
- COSTA, Israel Teoldo *et al.* O teaching games for understanding (TGFU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Palestra**, p. 69–77, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/>. Acesso em: 6 set. 2021.
- CRUYFF, Johan. **Me gusta el fútbol**. Espanha: RBA Libros, 2002.
- DOMINGUES, Petrônio José. “A redempção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 19–48, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbh/a/nLcLmkyPqsw9dYC3JZGJkng/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4

set. 2021.

FERRARI, Cássio Luiz. Futebol no Brasil: Origem e evolução das metodologias de treinamento. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 8, p. 79–98, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/futebol-no-brasil>. Acesso em: 4 set. 2021.

FERREIRA, B. M; IMPOLCETTO, F. M. Futebol go: as TIC possibilitando o ensino do futebol e para além dele pelo viés lúdico. *In:* , 2017. **Anais do Congresso Internacional de Educação Física da UNESP**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/29987>. Acesso em: 4 set. 2021.

FETT, Marcos Kühn. **Iniciação no futebol: método analítico versus método global**. 2012. - UFRGS, TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70301>. Acesso em: 4 set. 2021.

FIGUEIRA, FM; GRECO, PJ. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem–treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 1, n. 2, p. 53–65, 2008. Disponível em: <https://rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/>. Acesso em: 6 set. 2021.

FILGUEIRAS, Luiz Fernando A. Serpa. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos JECs através de jogos. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 6, n. 22, p. 317–321, 2014. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/230>. Acesso em: 5 set. 2021.

FRANCO, Giullya. História do futebol. **Brasil Escola**, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GARCEZ, Francisco Ygor De Sousa. **Modelos de ensino-aprendizagem-treinamento de futsal masculino**. 2017. - Universidade Federal do Ceará, TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Educação Física, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36243>. Acesso em: 5 set. 2021.

GARGANTA, Júlio. (Re) fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, v. 20, p. 201–203, 2006. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v_20_supl5_artigo53.pdf. Acesso em: 5 set. 2021.

GARGANTA, Júlio. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Efedepportes, Revista Digital**, v. 48, p. 1–15, 2002. Disponível em: <http://www.efedepportes.com>. Acesso em: 6 set. 2021.

GARGANTA, J *et al.* Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. **Researchgate**, p. 199–263, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/>. Acesso em: 6 set. 2021.

GARGANTA, J. Ideias e competências para “pilotar” o jogo de futebol. *In:* TANI; BENTO; PETERSEN (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 313-326., [s. d.].

GARGANTA, Júlio; MAIA, José; MARQUES, Antonio. Acerca da investigação dos fatores do rendimento em futebol. **Rev. paul. educ. fís**, v. 10, n. 2, p. 146–158, 1996. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/>. Acesso em: 5 set. 2021.

GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José. Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. *In: OLIVEIRA; TAVARES (org.). Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos*. Porto: FADEUP, 1996., [s. d.].

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 1996. *E-book*. Disponível em: <https://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/>. Acesso em: 5 set. 2021.

GOMES, J.; J., Prudente. Ensino-Aprendizagem da Tomada Decisão no Futebol. *In: , 2017. Anais do Seminário Desporto e Ciência*. [S. l.: s. n.], 2017. p. 209–219. Disponível em: <https://repositorio.uma.pt/handle/10400.13/2067>. Acesso em: 5 set. 2021.

GREBOGGY, Dênis Lima; SILVA, Walan Robert. A periodização tática sob a justificativa das neurociências: habituação e reestruturação das tomadas de decisão. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 38, p. 382–389, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6680838>. Acesso em: 5 set. 2021.

GRECO, Pablo Juan. Conhecimento técnico-tático: o modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, v. 0, p. 107–129, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/113186282-Conhecimento-tecnico-tatico-o-modelo-pendular-do-comportamento-e-da-acao-tatica-nos-esportes-coletivos.html>. Acesso em: 5 set. 2021.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal: 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

JANELLE, C. M.; HILLMAN, C.H. **Expert performance in sport: current perspectives and critical issues**. [S. l.]: Champaign: Human Kinetics, 2003.

KNUT, Dietrich; GERHARD, Durrwachter; HANS, Jurgen Schaller. **Os grandes jogos: metodologia e prática**. [S. l.]: Ao Livro Técnico, Coleção Educação Física, 2005. *E-book*. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/>. Acesso em: 6 set. 2021.

LIMA, Luiz Delmar Costa. **As ações de jogo no futebol: histórico, conceitos e aplicações**. Material didático - Futebol, Goiânia: ESEFFEGO/UEG, 2021.

LIMA, Marco Antunes. As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil. **Klepsidra**, v. 0, n. 14, p. 5, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?> Acesso em: 5 set. 2021.

MARQUES JUNIOR, Nelson Kautzner. Periodização tática. **EFDeportes.com - Revista Digital**, v. 163, p. 1–7, 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd163/periodizacao-tatica.htm>. Acesso em: 5 set. 2021.

MATIAS, Cristino Julio Alves Silva; GRECO, Pablo Juan. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências e Cognição**, v. 15, n. 1, p. 252–271, 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/123>. Acesso em: 5 set. 2021.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 37, p. 179–188, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000300009>. Acesso em: 5 set. 2021.

MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão.

- Movimento**, v. 20, n. 1, p. 351–373, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/40200>. Acesso em: 6 set. 2021.
- MORAES, Ivan *et al.* Formação de Jogadores de Futebol: Processo Histórico e Bases para a Evolução no Brasil. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 148–163, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9524>. Acesso em: 5 set. 2021.
- MORALES, Juan Carlos Pérez; GRECO, Pablo Juan. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 4, p. 291–299, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16674>. Acesso em: 6 set. 2021.
- MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus editora, 2000. *E-book*. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/230>. Acesso em: 5 set. 2021.
- OLIVEIRA, Alex Fernandes. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 13, p. 170–175, 2012. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/download/154/139>. Acesso em: 5 set. 2021.
- PEREIRA, Flávia Sidônia Camargos. **A guerra do futebol: um estudo sobre o jornalismo esportivo**. 2005. Monografia (Graduação) - Faculdade de Comunicação, Departamento de Jornalismo, UFJF, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/FSidonia.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.
- PICCOLI, J.C.J. **Normalização para trabalhos de conclusão em Educação Física**. Canoas: Ulbra, 2006.
- QUINA, João Nascimento; GRAÇA, A. O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência tática. *In:* , 2011, Porto. **Anais [...]**. Porto: Congresso Internacional de Jogos Desportivos, 2011. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6954>. Acesso em: 6 set. 2021.
- ROTTMANN, Hans Gert. O espaço do futebol nas aulas de educação física no brasil: história e potencialidades pedagógicas. **Revista Faz Ciência**, v. 20, n. 31, p. 44, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/rfc.v20i31.21022>. Acesso em: 5 set. 2021.
- SANCHES, Simone Meyer; RUBIO, Kátia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825–841, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400010>. Acesso em: 5 set. 2021.
- SANFEY, Alan G. Decision neuroscience: new directions in studies of judgment and decision making. **Current Directions in Psychological Science**, v. 16, n. 3, p. 151–155, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00494.x>. Acesso em: 5 set. 2021.
- SANTOS NETO, Pedro Ramos. **Análise de dois diferentes métodos para o ensino/treino do futebol**. 2013. 1–26 f. - Universidade Federal do Espírito Santos, TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Educação Física, Vitória, 2013. Disponível em: <https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/>. Acesso em: 5 set. 2021.
- SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 1–255 f. - UNICAMP, Dissertação (Mestrado), Campinas, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275320/1/>. Acesso em: 5 set. 2021.

SILVA, Julio Manuel Garganta. O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. **Movimento**, v. 4, n. 8, p. 19–27, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2373>. Acesso em: 5 set. 2021.

SOARES, Everton Rocha. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **Lecturas: Educación física y deportes**, v. 169, p. 1, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4729883&info=resumen&idioma=POR>. Acesso em: 5 set. 2021.

STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo. **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

UDF. Métodos de ensino-aprendizado-treinamento no futebol e no futsal. **Universidade do Futebol**, 2012. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2012/10/05/metodos-de-ensino-aprendizado-treinamento-no-futebol-e-no-futsal/>. Acesso em: 5 set. 2021.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. *E-book*. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/d-w-winnicott/o-brincar-e-a-realidade/474913027>. Acesso em: 5 set. 2021.